

BOM SENSO E SENSO CATÓLICO¹

Common Sense and Catholic Sense

*Plínio Corrêa de Oliveira*²

Lumen Veritatis apresenta a seguir uma coletânea de explicitações de Plínio Corrêa de Oliveira a respeito do senso comum, do bom senso e do senso católico. Essas temáticas, expostas em diversas reuniões e encontros com discípulos, são fruto de um peculiar modo de aprofundar os assuntos filosóficos e teológicos, pois se configuram no fluxo de leves conversas ou exposições, ilustradas com exemplos e fundamentadas na atenta observação da realidade.

Procurou-se aqui extrair e compor um texto estruturado e acessível, unindo e alinhavando as diversas ideias do autor em várias fases de sua vida, registradas em gravador e posteriormente transcritas.

Ressalte-se que o livro mais consultado por Dr. Plínio foi o seu próprio espírito. Analisando com fino discernimento o processo de pensamento que o caracterizava, alcançou conclusões consoantes com as de São Tomás de Aquino, acrescentando novidades sobre certos pontos de vista. É o que revela o presente texto, exposto à luz de seu privilegiado dom de sabedoria.

-
- 1) O presente texto foi organizado pela equipe editorial de *Lumen Veritatis* a partir da transcrição de conferências, palestras ou conversas, ainda inéditas, com ligeiras adaptações para a linguagem escrita, sem revisão do Autor. Ao final de cada subtítulo são referenciados os tipos de reunião e as datas correspondentes a cada trecho. São utilizadas as seguintes abreviações:

DS: CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano; São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, 5 vol.; *MNF*: *Manifesto* (abreviação utilizada pelo próprio Autor. Tratava-se de palestras de cunho predominantemente filosófico; cf. *DS*, vol. 1, p. 37); *Com. B*: *Comissão B* (reuniões semanais iniciadas na década de 1960 para reduzido grupo de assistentes, cujo tema inicial foi a antiga cavalaria, com vistas a formar uma instituição futura em seus moldes; cf. *DS*, vol. 4, p. 64-68); *SD*: *Santo do dia* (reuniões no início concebidas para os jovens, à guisa de comentário sobre o santo comemorado na respectiva data. Mais tarde, tornou-se na prática a reunião plenária para os discípulos de Dr. Plínio; cf. *DS*, vol. 1, p. 84; *DS*, vol. 4, p. 31-38); *RE*: *Reunião extra*; *Palavr*: *Palavrinha* (conversas breves dirigidas a conjuntos diversos, mormente oriundos de outras cidades ou países; cf. *DS*, vol. 1, p. 61); *Alm.*: *Almoço* (conversas durante esta refeição; cf. *DS*, vol. 1, p. 35); *Com. Amer.*: *Comissão americana* (reunião para um grupo de aderentes norte-americanos).

- 2) Nascido aos 13 de dezembro de 1908, Plínio Corrêa de Oliveira foi um dos maiores expoentes católicos do século XX. Formado em Direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, fundou lá, em 1929, a Ação Universitária Católica (AUC). Em 1933 tornou-se diretor do jornal *O Legionário*, órgão oficioso da Arquidiocese paulistana. Mais tarde, filia-se à Liga Eleitoral Católica, elegendo-se como o deputado mais jovem e mais votado do País para a Constituinte de 1934. A seguir, acumulando as funções de advogado e jornalista, torna-se catedrático de História da Civilização no Colégio Universitário da USP e, pouco depois, de História Moderna e Contemporânea em diferentes faculdades da atual PUC-SP. Brillante orador, dotado de arrematadora retórica e atraente carisma, discursou publicamente em diversas ocasiões, entre as quais, cabe destacar, a ocorrida durante a Sessão Plenária do Congresso Eucarístico de 1942, na capital paulista para quase meio milhão de assistentes. Escreveu quase 20 livros, vários deles *best sellers*, com diversas edições e traduções, entre os quais se destacam: *Em defesa da Ação Católica* (1943), a obra-mestra *Revolução e Contra-Revolução* (1959) e *Nobreza e elites tradicionais análogas* (1993).

Introdução

O que é o bom senso natural?

Trata-se, antes de tudo, de uma lógica implícita. Mas por que, no consenso geral, chama-se “senso”?

Porque a evidência com que se opera possui algo de “sensível”. O evidente como que “se sente”. Ora, o bom senso não passa de um conjunto de verdades evidentes para todos os homens. Por outro lado, o conjunto dos princípios imediatos e mediatos de tudo o que homem conhece constitui o bom senso. Esses princípios podem se encontrar em alguém de modo implícito, mas nem por isso ele deixa de possuí-los muito real, dinâmica e proveitosamente.

O bom senso oferece uma noção muito mais ampla da realidade. Naturalmente, o melhor dele não é perceber esta ou aquela “verdadezinha”, mas sim o conjunto, porque aqui vale o princípio de que cada coisa é boa e o conjunto é ótimo.³

1. O explícito e o implícito do bom senso

Muitas vezes esses princípios de bom senso — ou de filosofia —, não são explícitos, mas têm uma clareza, uma força tal que, de fato, o homem vive com base neles. Nesse conjunto de evidências — de um lado mediatas e imediatas, de outro lado implícitas e explícitas — a noção de bom senso e a noção de filosofia adquirem toda a sua força. O bom senso é a metafísica viva em estado implícito.

Também publicou mais de 2.500 artigos em diversos periódicos nacionais e internacionais, como no maior diário brasileiro, a *Folha de S. Paulo*, cuja coluna foi a mais longa de sua história. Seus inconfundíveis escritos lograram aliar a sólida argumentação com a elegância da forma e a clareza de estilo. Com coragem ímpar e fidelidade resoluta ao bimilenar Magistério da Igreja, defendeu incansavelmente os valores da civilização cristã, denunciando e combatendo o permissivismo moral e os erros de seu tempo, como os regimes totalitários, as falácias neomodernistas, a infiltração do marxismo na Igreja, o integralismo, etc. A título de exemplo, previu com irreparável acuidade e contra todos prognósticos, a aliança entre a Alemanha nazista e a Rússia comunista, bem como o seu posterior rompimento. Ciente de que “livros podem conservar por séculos uma doutrina, mas o que arrasta as almas a praticá-las são os exemplos vivos” (*DS*, vol. 4, p. 514), fundou em 1960 uma escola de pensamento e ação denominada Tradição, Família e Propriedade, de destacada atuação pública no Brasil e no mundo, congregando milhares de simpatizantes nos cinco continentes. No interior de sua Obra, proferiu conferências, palestras e conversas, registradas em fitas magnéticas e depois transcritas por discípulos. Esse inédito e profícuo acervo de mais de 30 mil títulos — entre os quais mais de 3 mil *SD* e 2 mil *MNF* que chegaram a nós, pois muitos não foram gravados ou se perderam — está para encontrar termo de comparação na história intelectual. Consumou sua luminosa trajetória aos 3 de outubro de 1995, vítima de penosa enfermidade.

3) *MNF*, 7/5/1962; *MNF*, 14/6/1962.

Toda essa vida de bom senso, numa mente sadia, é profundamente sapiencial, isto é, caminha no cume de si mesma para um ápice de algumas verdades fundamentais que abarcam todas as demais, dando assim plenitude ao bom senso, bem como à filosofia.

É evidente que os grandes princípios de bom senso estão implícitos na mente humana, e vão se elaborando à medida que o homem vive sapiencialmente à procura deles. Bom senso é o agir não só racionalmente, mas o que toma em conta estas mil influências subscientes. Por um trabalho obscuro, em torno de certo ponto central, grupos de coisas se ordenam porque, pelos princípios, as analogias que existem entre elas se hierarquizam e são ressaltadas, definindo as verdades gerais. Há certos momentos em que o homem percebe, de repente, as vinculações de princípios que há no fundo das coisas. Da noção que passa de implícito para explícito aparece a palavra que indica essa noção, e assim o processo mental atinge toda a sua plenitude.⁴

2. A filosofia e o bom senso contidos implicitamente na inocência

Qual a relação da inocência com a questão do bom senso? A inocência deve ser um apelo, uma tendência para o metafísico, para o sobrenatural, etc., mas não pode ser o menosprezo da realidade concreta, palpável, material, cotidiana, trivial, comum.

Ora, na inocência, no senso do ser e na retidão batismal a pessoa tem, implicitamente, “toneladas” de filosofia. O bom senso não é senão o raciocínio em estado embrionário. Por um equilíbrio interno, o homem confere-se a si mesmo com as coisas e vice-versa, encontrando o reto caminho do pensamento, mesmo antes de saber raciocinar. Vivendo do equilíbrio — misto do raciocínio e da retidão —, ele elaborará raciocínios que satisfarão inteiramente o seu espírito, e até morrer não se esgotará tudo o que a inocência lhe diz. A retidão, ensinada pelo bom senso, irriga o fruto da lógica com uma porção de contrapesos, de complementos deste saber. Se o raciocínio floresce na linha do bom senso, anda-se por inteiro numa certa direção, de acordo com a ordem e a harmonia. Aí se entende como a inocência chega às grandes certezas.⁵

4) *Com. B*, 8/7/1965; *MNF*, 14/6/1962; *MNF*, 8/2/1965.

5) *MNF*, 24/10/1985; *MNF*, 4/4/1982; *SD*, 17/10/1981; *RE*, 18/4/1980.

3. *A verdade se move encontrando eco no bom senso*

A verdade se move não simplesmente por raciocínios, em que as premissas estão ordenadas numa só conclusão, mas quando, além disso, estão enunciadas de tal maneira que encontram eco no bom senso. Já o erro está preso a outra dialética, fala outra linguagem. Não há nada mais errado do que querer demonstrar a verdade com a técnica do erro para atrair os que estão errados. Trata-se de uma espécie de “ceder para não perder” no terreno dialético. É preciso apresentar as premissas de tal maneira que quem as lê, sinta a consonância delas com as melhores forças do seu bom senso; depois, mostrar a limpidez de raciocínio, a legitimidade do princípio lógico aplicado. A pista para o raciocínio é o bom senso; e este, no fundo, é a sanidade do senso do ser.⁶

4. *Sabedoria popular e o bom senso em setores da sociedade*

Esses princípios são utilizados na sabedoria popular. Há pessoas que têm diante de si determinados problemas cujos princípios se aplicam com muita evidência. Constituem uma espécie de tesouro de lógica e de sabedoria inexplicadas, que floresce em máximas fragmentárias, cujo sabor de bom senso sente-se profundamente pela consonância da coisa com a mente humana, pondo em ordem uma série de outras coisas. A floração desses princípios dá certo vigor a tudo quanto está no subconsciente, constituindo um verdadeiro sistema de sabedoria. Mas há também uma espécie de elaboração, pela qual o número de verdades evidentes cresce, pelo fato de se concatenarem umas com as outras. Por isso, as evidências do espírito popular também se tornam mais numerosas e formam uma sabedoria.

Se apelarmos para o modo de Nosso Senhor pregar, nota-se que essa era a sabedoria empregada no Evangelho. Para as mais altas noções de moral e de teologia, Ele arranjava um jeito de revesti-las de imagens simples, mas idôneas — por exemplo, na parábola do Bom Pastor —, para que os ouvintes compreendessem pelo mais trivial da vida quotidiana as coisas mais altas da Providência Divina. Esta parábola, não sendo inteiramente abstrata, já tem algo de abstrativo; no caso concreto, conta a história de um homem “tipo”, que já contém algo de abstrativo. Há, à maneira própria, uma verdadeira marcha para a abstração, sem a qual não seria possível sequer ordenar o pensamento.

6) *SD*, 7/10/1981.

A sabedoria, que é sempre arquetônica, é uma visão de conjunto, mesmo se elevando nos ares, que nos reconduz depois amorosamente ao regaço das evidências. Aí temos uma forma de certeza de alma, verdadeiramente capaz de dar origem a uma civilização. Sem esta certeza de alma não existe civilização plena.⁷

4.1. O filósofo e o bom senso

Toda a verdadeira cultura popular não tem como base a alfabetização, mas a posse da sabedoria. O filósofo, afastado do bom senso popular, na ordem da filosofia, era bem a imagem do nobre cortado da vida popular. Como este preparava uma elegância muito refinada, mas sem o lustro do terra a terra, assim o filósofo preparava uma filosofia refinada, mas sem o bom senso popular; o orador sacro e o teólogo preparavam uma teologia e uma oratória sacras, que também não se inspiravam nos temas, nos problemas e perfumes da realidade viva e concreta, miúda, de cada dia. A verdade é que o indivíduo precisa primeiro ter esse senso para depois chegar à filosofia, e não primeiro ter a filosofia para depois construir artificialmente esse senso dentro de si. Se genialidade existe, ela consiste no auge da robustez do bom senso.

Com populações sem bom senso está criado um abismo para o qual não vejo solução. Daí um elemento para a inorganicidade da sociedade, anorganicidade e debilidade das elites, a sua destrutibilidade, democratização e revolução. Tudo isto deve ser visto como uma primeira ruptura com esse concreto, miúdo, popular, terra a terra, sem o qual nada tem verdadeira seiva vital. Faltar com o bom senso é simplesmente afastar-se da sabedoria.

Essas considerações que subordinam as operações intelectuais às operações do bom senso, consideradas como uma cordilheira de vivências sabiamente concatenadas e dirigidas pela sabedoria, explicam porque a filosofia tomista deve ser considerada como filosofia do bom senso.⁸

4.2. Homem culto e o bom senso

No homem culto o operar misto do bom senso e da razão acumula uma série de quadros, de visões, de panoramas, etc., de uso individual que vão constituir uma espécie de firmamento de verdades certas, em função das

7) *MNF*, 7/5/1962.

8) *Com. B*, 18/12/1965; *MNF*, 13/10/1978; *SD*, 31/3/1988; *SD*, 14/9/1974; *MNF*, 7/5/1962.

quais constrói outras e orienta a sua vida. Já não é constituído apenas pelo bom senso, mas por uma soma do melhor produto da *raison raisonnée*,⁹ implantado no alicerce da *raison raisonnable*.¹⁰ Isto forma uma espécie de conjunto arquitetônico em torno da sabedoria, o grande tesouro do homem, na medida não só do conhecido, mas também do amado, operando no homem a união transformante.

Aqui vemos o processo humano por mais um aspecto, como parte do ato primeiro e em duas categorias mentais diferentes: do homem culto e do homem ignorante; em duas ordens de coisas: a natureza e a graça.¹¹

4.3. O homem de Estado e o líder face ao bom senso

Pensamos que o homem de Estado ideal é o homem inteligente. É verdade, desde que seja, sobretudo, sensato. Ai do homem no qual a inteligência seja maior do que o bom senso. Ele se transforma num flagelo. E ai do país onde os inteligentes não têm bom senso.

Quando se recorre a reminiscências do tempo de infância, os elogios aos grandes homens visavam a inteligência deles: “Fulano é inteligentíssimo”. Nunca, ou quase nunca, se ouve acrescentar: “Ele é sensatíssimo”.¹²

Não basta ao chefe apenas persuadir mediante argumentação lógica impecável. Outros predicados lhe são necessários. Estes situam-se no campo da vontade e da sensibilidade.

Antes de tudo, o chefe, dirigente ou líder — seja qual for o título com que no grupo se o designe — deve ser dotado de um senso psicológico penetrante. Esta qualidade requer o exercício simultâneo da inteligência, da vontade e da sensibilidade. Pois uma pessoa superinteligente, porém abúlica e subsensível, ordinariamente carece de senso psicológico até para conhecer dados elementares da sua própria mentalidade. E quanto mais as de outrem: cônjuge, filhos, alunos, empregados, etc.

Ora, ao chefe desprovido de senso psicológico é difícil não só persuadir as inteligências como ainda coligar as vontades para uma ação comum. Porém, nem este senso psicológico lhe basta. É preciso que o detentor de autoridade,

9) Do francês: a razão em si mesma, ou seja, enquanto faculdade humana.

10) Do francês: a razão enquanto prática ou enquanto sabedoria prática (na filosofia aristotélica: *phronesis*).

11) *MNF*, 7/5/1962.

12) *MNF*, 31/3/1988.

ou simplesmente de liderança, disponha também de uma riqueza de sensibilidade suficiente para emprestar a quanto ele diz o sabor do real, do sincero, do autêntico, do interessante, do atraente, enfim, de tudo quanto leva os que lhe devem obediência a segui-lo com agrado.

Este é, muito sumariamente traçado, o elenco das qualidades sem as quais quem preside um grupo social privado não tem as condições normais para exercer com êxito a sua missão.¹³

5. *O bom senso é propício à fé*

Todo o problema dos sentidos deveria ser estudado em seu aspecto natural e em seu aspecto sobrenatural. O bom senso e a lógica são propícios à fé. Mas a fé, por sua vez, desperta isto por uma espécie de ação recíproca. Quer dizer, quando o indivíduo tem lógica e bom senso, toda sua alma pede que a correlação entre a ordem espiritual e temporal seja essa, primeiro ponto. Em segundo lugar, que as cúpulas se inter-relacionem assim também; o próprio espírito pede isso. Não é preciso acentuar quanto a sanidade e a coerência desse processo dão vigor à fé católica.¹⁴

6. *Senso católico*

Passemos ao senso católico. O senso católico é o mesmo modo de operar do bom senso, praticado em relação à Igreja. Naturalmente entra aqui um fator sobrenatural que é a fé: é uma excelência da graça desta virtude, pela qual a pessoa tem o *sentire cum Ecclesia* (o sentir com a Igreja). Quer dizer, antes mesmo de saber o que a Igreja manda — em grande número de pontos, pelo menos —, a pessoa já intui o seu pensamento. E conhecendo bem a doutrina católica, a espinha dorsal da mente humana está acertada.¹⁵

6.1. *Bom senso da fé*

O senso católico é o bom senso que versa a respeito dos assuntos da fé, com auxílio da graça e, operando com essas verdades evidentes e primeiras, serve de controle para as outras verdades. O bom senso e o senso católico são

13) *MNF*, 31/3/1988; *SD*, 28/1/1993.

14) *MNF*, 7/5/1962; *MNF*, 24/10/1985.

15) *Palavr.*, 15/8/1991.

análogos no plano natural e no sobrenatural, correspondendo a um mesmo operar do espírito humano nos dois pontos.¹⁶

6.2. Particular acuidade da inteligência

O senso católico é uma particular acuidade da inteligência — dada também aos pequenos — por onde, de verdades muito conhecidas e gerais, eles são capazes de tirar consequências lógicas no extremo do pensar. Mas protegidas — aqui entra o senso — por uma conformidade de personalidade com a Igreja que faz a pessoa *ôter*¹⁷ aquilo que não é católico.

Quando o espírito conhece a Igreja Católica, destaca algumas evidências a respeito dela. Note-se que são evidências palpáveis. Por exemplo, o Papa é infalível: vou segui-lo e com ele não erro. Nossa Senhora é o canal de todas as graças: como quero graças, agarro esta verdade, aferro-me a ela. A pessoa toma tais verdades, que são o grosso da fé, e as incorpora com amor, em virtude de uma fidelidade ao ato primeiro e de uma estrutura metafísica bem feita, e incorpora a uma espécie de bom senso da fé. Depois, todas as elucubrações da fé são conferidas com isso.¹⁸

6.3. Bom senso batizado

O senso católico é o bom senso batizado. A gente poderá perguntar: mas onde nasce o bom senso? Nasce das mãos da ordem civil ou das mãos da ordem espiritual? Eu digo: nasce um pouco das mãos da ordem civil, mas todos os Estados e todas as civilizações têm dado em loucuras porque falta bom senso a partir de certo momento.¹⁹

6.4. A Igreja é a fonte principal do bom senso

O bom senso é estável, básico, fundamental, magnífico e contínuo na Igreja. Quer dizer, Ela é a fonte principal, não única, de onde emana o bom senso. O bom senso emana, como uma torrente, da fé, do senso católico, das quatro virtudes cardeais e das três teologais.

16) *MNF*, 7/5/1962.

17) Do francês: “deixar de lado”, “recusar”.

18) *Alm.*, 7/11/1982; *MNF*, 7/5/1962.

19) *MNF*, 31/3/1988.

O homem que tem verdadeiramente essas virtudes possui o espírito construído de tal maneira, que tem as claras, luminosas, simples e grandes verdades fundamentais que estão ao alcance de todo mundo, de modo fácil e acessível a seu espírito.

E ele tem certa qualidade de espírito, pela qual, vendo a verdade, ele percebe que todas as verdades estão mais ou menos implícitas umas nas outras. E que, quando vê claramente uma verdade primeira, aplicando bem a vista, vê toda uma sucessão de verdades.²⁰

6.5. O bom senso pela observação

Portanto, não pode ser um mero teórico, ele tem que ser um observador muito atento da realidade. Tem que ser um conhecedor inocente, límpido, das coisas de ordem religiosa — e também de ordem filosófica — que nascem do bom senso. E isso intuitivamente, bem disposto na sua alma inocente.

Essa é a forma de ensino sempre baseada na observação e na reflexão. Nunca é a pura teoria. Mas também nunca é a mera observação cretina, que não deduz nada de teórico. É um caminhar harmônico da observação e da teoria, que produz o consenso a partir da inocência primeira, porque todas as inocências são consensuais.²¹

À guisa de conclusão

Por fim, o senso católico é uma excelência ou uma faceta vigilante e militante do bom espírito e do espírito católico, por onde, pela sabedoria, se apanha particularmente bem a coerência, a coesão interna da doutrina católica e os pontos de incompatibilidade dela ou de sua moral com o erro e com o mal.²²

20) *MNF*, 14/6/1962; *Com. amer.*, 20/6/1989.

21) *Com. amer.*, 20/6/1989.

22) *Com. B.*, 8/4/1967.

